



JAMES ENGLISH LEARY



SIM Galeria São Paulo

JAMES ENGLISH LEARY
COMO É ESTRANHO TER UM CORPO
HOW AWKWARD IT IS TO HAVE A BODY

abertura
terça
28 janeiro
19h-22h

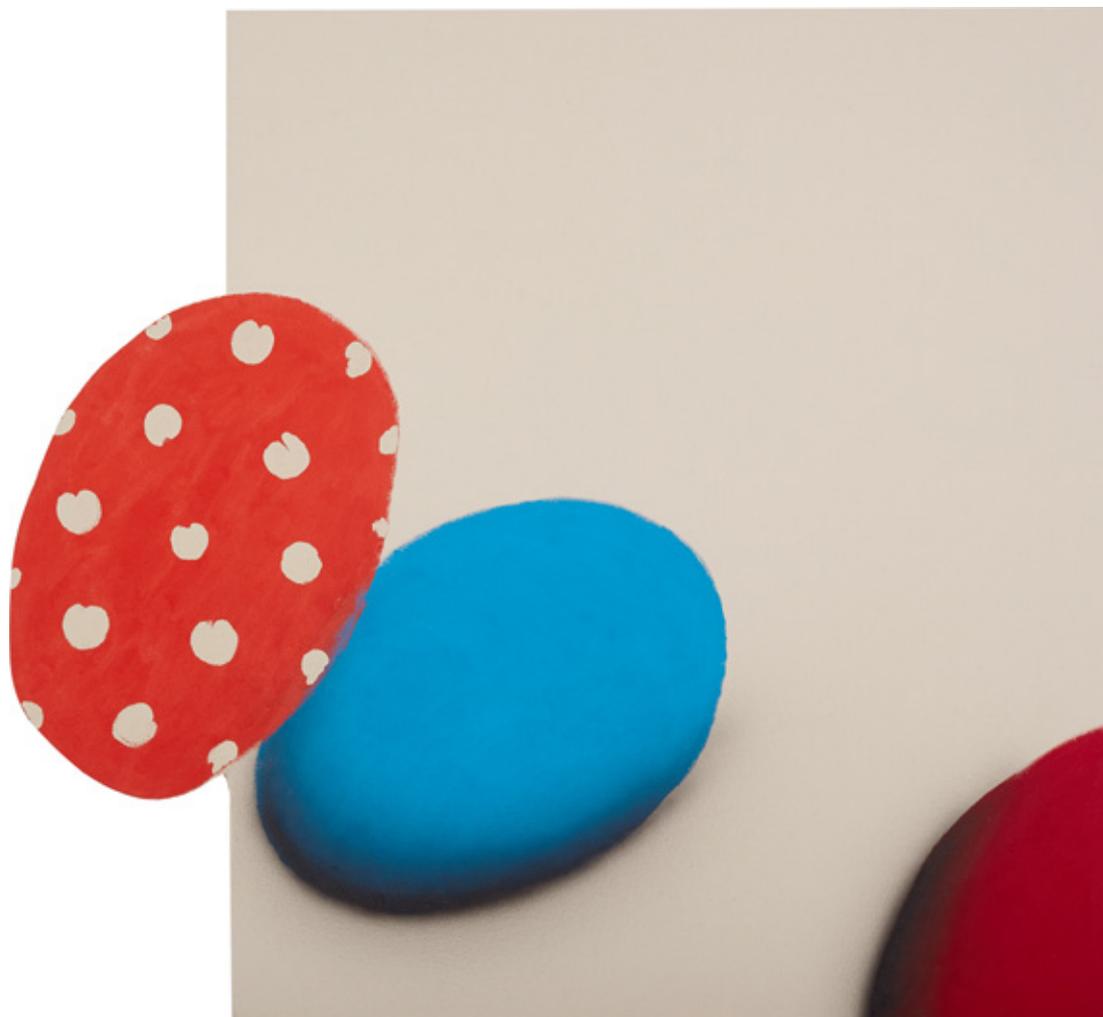
opening
tuesday
january 28
7pm-10pm

28 janeiro - 07 março 2020
january 28 - march 07 2020

SIM GALERIA

São Paulo
rua sarandi, 113a
01414-010 | são paulo | brasil
info@simgaleria.com
simgaleria.com @simgaleria





Claro, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
130 x 122 cm



Boa Noite, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
158 x 114 cm



Números Cardinais, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
132 x 143 cm





Barroco, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
143 x 100 cm





Saúde, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
110 x 152 cm



Praça da Sé, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
63 x 55 cm







Carnaval, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
50 x 40 cm



Arte popular, 2017
Aqui é tão tranquilo, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
70 x 60 cm cada *each*



Oi, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
40 x 50 cm





Esta chovendo, 2017
Como se chama isto?, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
70 x 50 cm cada *each*



Posso te dar um beijo?, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
50 x 40 cm





Sozinho, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
121 x 97 cm



Uau!, 2017
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
112 x 200 cm



ANCORAR-SE A PARTIR DO CORPO

A SIM Galeria apresenta a primeira exposição individual do artista norte americano James English Leary (Chicago, EUA - 1982) no Brasil. Ao reunir vinte e seis obras do pintor, a mostra exibe obras produzidas na cidade de São Paulo, em 2017.

O título da exposição - “Como é estranho ter um corpo” - retoma o depoimento de Leary em 2015, durante residência realizada na *Rauschenberg Foundation* (Florida, EUA). Ao apresentar suas telas, o artista comenta: “minhas pinturas são sobre o quão embaraçoso é ter um corpo”. Em entrevista ao editor da revista eletrônica *The Brooklyn Rail*, Charles Schultz, Leary pondera a possibilidade da afirmação acerca de sua produção advir dos desafios de parar de fumar cigarros. “Parar de fumar é uma experiência muito desagradável, ela faz com que você deseje desligar seu corpo por seis meses ou mesmo um ano”. Para aqueles que já deixaram algum tipo de adição, é sabido que sentir a falta física de uma substância torna o ser, de algum modo, mais consciente de sua matéria, do que é composto e de seus limites.

Apesar de a declaração ter sido contaminada por um contexto pessoal específico, ela aponta para um destino humano comum: independente dos fluxos da mente, dos deslocamentos ao passado e ao futuro, estamos todos ancorados no presente a partir do corpo. Numa era em que podemos estar virtualmente em todas as partes do globo ao mesmo tempo, o corpo é ao menos um rastro de nós mesmos. É inevitável, estamos sempre fisicamente em algum lugar.

Pés, mãos e cabeças habitam as telas de Leary de modo recorrente. Há um escrutínio destes membros que se dá não pelo detalhamento espartano de suas formas, mas pela repetição das figuras. Este retorno recorrente propõe um modo de metabolizar - apaziguar-se com os limites - a simplicidade e, igualmente, a pungência da figura humana. Os corpos - ou partes de corpos - sugeridos pelo artista afastam-se de arquétipos ou de seres mitológicos, crivos de beleza ou sabedoria. Interessa a Leary os agentes cotidianos, mãos e pés ordinários, notados (ou não) ao observar a multidão que transita pelas ruas da cidade de São Paulo ou Nova Iorque, onde reside atualmente. Avançando um passo nesta direção, lhe interessa não só tais contornos humanos, mas a habilidade de nos enxergarmos de modo supostamente claro.

Tal como os limites da figura humana, as fronteiras do plano pictórico são exploradas pelo norte americano. Leary entoa as investigações iniciadas por Lucio Fontana e a Arte Informal - e ramificadas por diversos artistas -, ao espriar a tela por formas irregulares adicionadas aos limites do chassi. Vale notar que, entre as referências de pesquisa do artista, habita especialmente a artista Elizabeth Murrays (Chicago, 1940-2007) e suas formas despretensiosas, que lhe proveram insumos valiosos no início da investigação. Figuras e formatos nem sempre coincidem, o que insere um terceiro elemento na equação: uma silhueta não nomeada ou inominável. É o caso de *Saúde* (2017), em que um plano de cor clara se estende sobre parte da “mão” retratada. Seria um plano sobre o plano da parede? Ao mesmo tempo em que a figura salta da parede, ela se achata na própria tela.

As inserções de Leary sobre a tela são comumente carregadas de voltagem humorística. Seja como veículo para a construção da obra ou como ponto de chegada, a comicidade aflora de diferentes modos. O universo do *cartoon* - vivenciado na juventude - contamina a paleta e repertório formal reduzidos empregados nas telas. De fato, Leary guarda antiga admiração pelos desenhos em quadrinhos. Entretanto, estas formas bem definidas e divertidas repousam sobre fundos monocromáticos, propondo cenários insólitos e talvez prostrados. Este procedimento recorda, aliás, as pinturas tardias de Phillip Guston, por quem Leary preserva grande admiração. Nesta reunião das figuras e fundos pode residir um encontro fundamental na pintura do artista: este equilíbrio sensível entre a comicidade e a melancolia que tentamos manter ao olharmos para nós mesmos. Manifesta-se na obra de Leary uma sátira à interpretação que o indivíduo tem frente a si.

Outro recurso de que o artista lança mão é o uso do spray de tinta em diferentes telas. Em *Claro* (2017), *Oi* (2017) e *Como se chama isto?* (2017), por exemplo, é possível perceber como o spray insere uma gramática totalmente diversa em relação à tinta acrílica sobre a tela. O sombreamento das formas com o spray gera uma sensação de descolamento da figura em relação ao fundo, algo graciosamente antinatural, forçado. O jato de tinta confere a sensação de despojamento, apesar da alta precisão necessária para aplicá-lo.

Ao voltar-nos para as pinturas de menores formatos, é importante levar em consideração os títulos fornecidos pelo artista. Nomes como *Posso te dar um beijo?*, *Sim, adoraria*, *Desculpa* e *Como se chama isso?* sugerem situações em desenvolvimento, um diálogo já iniciado ou, ao menos, a expectativa da existência de um interlocutor. O espectador é convidado a imaginar em quais circunstâncias estas frases são pronunciadas. Os títulos são intencionalmente não-ilustrativos do que se apresenta na tela: eles propõem um tom para a aproximação à obra.

Por fim, parte das pinturas diminutas exibem as palavras “São Paulo”. Segundo Leary, o nome da capital paulistana não é uma mera legenda - numa chave de redundância dentro da própria pintura - mas um tipo de assinatura, assim como a do próprio artista no verso de cada tela. O artista certifica, por meio da escrita a lápis, a procedência da pintura, suas coordenadas geográficas. Diferentemente de outros trabalhos de Leary, em que as palavras pintadas são munidas de carga pictórica, nestes trabalhos a cidade assina em parceria por nelas investir seus fragmentos e, como ele diz, “merece crédito parcial na autoria”.

Diferentes sintomas apontam como Leary investiga o modo com que a própria pintura é documento de sua própria fatura. Está ali nomeado o esforço empregado em sua realização. Estas operações, somadas à tensão entre humor e melancolia, reiteram a pergunta: a pintura está tentando desmistificar-se ou construir a própria mitologia?



TO BE ENROOTED BECAUSE OF THE BODY

SIM Galeria presents the first solo exhibition of the North American artist James English Leary (Chicago, USA - 1982) in Brazil. The show features 26 works produced in São Paulo in 2017.

The exhibition title - "How awkward it is to have a body" - refers to Leary presenting his works in 2015 at the artistic residency at Rauschenberg Foundation (Florida, USA). He said that: "my paintings are about how awkward it is to have a body". In an interview to Charles Schultz, the editor of the electronic magazine *The Brooklyn Rail*, Leary reflects about the relation of the statement with his experience and challenges of quit smoking. "Quitting smoking is just such an unpleasant experience, it makes you wish you could turn your body off for about six months or a year". For those who overcame any type of addiction, it is known that lacking physically a substance makes one, in some way, more aware of one's matter, of one's composition and of one's boundaries.

Despite the fact that the declaration was influenced by a specific personal context, it points out to a common human destiny: regardless of the flows of the mind, of displacements to the past and to the future, we are all enrooted in the present because of the body. During a time in which it is possible to be virtually anywhere anytime, the body is, at least, a trace of us. It is inevitable to always be physically somewhere.

Feet, hands and heads inhabit Leary's canvases regularly. There is a scrutiny of these body parts that is not due to the Spartan detailing of their shapes, but to the repetition of the figures. He keeps coming back to picture making as a way of metabolizing, coming to terms with the limitations, silliness and poignancy of the body. The bodies - or body parts - suggested by the artist are far away from archetypes or mythological beings, examples of beauty and wisdom. Leary is interested in the everyday body, ordinary hands and feet one notice (or not) while observing the crowd in the streets of São Paulo or New York, where the artist is current living. Going further on this direction, not only the human profile is of his interest but also the ability of seeing ourselves clearly.

As well as the boundaries of human figures, the borders of depiction are explored. Leary follows the researches initiated by Lucio Fontana and Informalism - which were branched by many other artists - when he created his shaped canvases. It is worthy noting that among the artist's research references, Elizabeth Murrays (Chicago, 1940-2007) and her unfussy, unpretentious shapes occupy a special place as they provided a strong revelation when he started investigating shaped panels. Figures and shapes do not always coincide, which inserts a third element in the equation: an unnamed or unnamable silhouette. That's the case of *Saúde* (2017), in which a single light color extends a little over the portayed "hand". Would it be a plane on the wall plane? At the same time that the figure jumps off the wall, it is squashed on the canvas itself.

Leary's insertions on canvas are commonly loaded with humor. Either as a vehicle to build the work or as an arrival point, the comicality arises in different ways. The cartoon universe – experienced in his youth – has influence over the palette and the reduced formal repertoire present in the paintings. Indeed, Leary has a longstanding admiration for comic books. However, these well defined and fun forms rest on monochromatic backgrounds, proposing unusual and perhaps prostrate scenarios. This procedure recalls the late paintings of Phillip Guston, for whom Leary preserves great admiration. In this mixture of figures and backgrounds, a fundamental encounter can be found in the artist's painting: this sensitive balance between humor and melancholy that we try to maintain when looking at ourselves. It manifests itself in Leary's work, a satire on the interpretation that the individual has in front of himself.

Another resource the artist uses is the airbrush in different canvases. In *Claro* (2017), *Oi* (2017) e *Como se chama isto?* (2017), for example, it is possible to notice how the airbrush introduces a completely different grammar compared with acrylic ink on canvas. The shadowy aspect of the shapes with the airbrush creates a feeling of detachment of the figure in relation to the background, something gracefully unnatural. The brushed ink gives the feeling of simplicity, despite the high precision required to apply it.

In his smaller paintings it is important to consider the titles given by the artist. Names like *Posso te dar um beijo?*, *Sim, adoraria*, *Desculpa* and *Como se chama isso?* suggest the development of a situation, an initiated dialogue or, at least, an expectation of the existence of an interlocutor. The viewer is invited to imagine in which circumstances these phrases are pronounced. The titles are intentionally non-illustrative of what is presented on the canvas: they propose a quality to approach the work.

At last, some of the small paintings show the words "São Paulo". According to Leary, the name of the city is not just a caption – in a redundancy key within the painting itself – but a type of signature, just like the one of the artist himself on the back of each canvas. The artist certifies, through pencil writing, the origin of the painting, its geographical coordinates. Unlike other works by Leary, in which the painted words have a pictorial charge, in these works the city signs in partnership for investing their fragments in them and, as he says, "deserve partial credit in authorship".

Different symptoms show how Leary investigates the way that a painting records its own making. There it lies named the effort used in its realization. These operations along with the tension between humor and melancholy reiterate the question: Is the painting trying to demystify itself or build its mystique?



SIM Galeria

A SIM Galeria foi inaugurada em 2011 em Curitiba, Paraná, pelos irmãos Guilherme e Laura Simões de Assis.

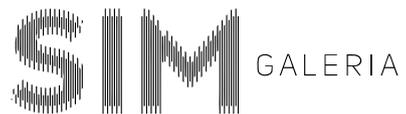
Desde 2018, a galeria mantém um segundo espaço em São Paulo.

A SIM compreende o campo da arte como território privilegiado para o alargamento da capacidade criativa e propositiva humana. Dessa forma, a premissa central da SIM é o comprometimento com a produção artística e intelectual, ampliação dos espaços de trocas e debates, além do fomento de carreiras de seus artistas. Para tanto, a SIM constrói um amplo programa de exposições individuais e coletivas, investe em programas educativos abertos ao público geral e se lança em direção a parcerias com curadores e instituições no Brasil e no exterior. Ademais, a SIM projeta-se constantemente a novos mercados, ao participar de feiras importantes e intercâmbios com outras galerias.

SIM Galeria was inaugurated in 2011 in Curitiba, Paraná, by brothers Guilherme and Laura Simões de Assis.

Since 2018, a gallery maintains a second space in São Paulo.

SIM understands the art field as a privileged territory for the increase of purposeful creativity and human capacity. Thus, a central premise of SIM is its commitment to artistic and intellectual production, expansion of spaces for exchange of ideas and debate, and the support of careers for its artists. To this end, a SIM builds a broad program of solo and group exhibitions, invests in educational programs open to the general public and launches itself towards partnerships with curators and institutions in Brazil and abroad. In addition, SIM is constantly aiming for new markets to attend major fairs and exchanges with other galleries.



São Paulo

Rua Sarandi 113 a
01414-010 | São Paulo | Brasil
+55 11 3062-8980

Curitiba

Al. Presidente Taunay 130 a
80420-180 | Curitiba | Brasil
+55 41 3322-1818

info@simgaleria.com
simgaleria.com